



Boletim Nº 0

Março 2009

C
E
R
O
D
E
I
Z
O
R
M
A
C
O



KRISHNAMURTI

Maia



A Primeira Reunião do CIK Maia

Vamos Agendá-la?

Chegou a hora! Nós, infelizmente apenas uma meia dúzia de nós, queremos encontrar-nos para a que será a primeira reunião do Centro de Informação Krishnamurti da Maia!

Os tempos são conturbados, o mundo está em confusão, o ser humano perdido nos seus próprios emaranhados egoístas e destrutivos... mas aqui e acolá, como erva obstinada que teimosamente insiste em irromper na calçada, na estrada ou num qualquer muro, em direcção à luz do sol, ainda que perigosamente sozinha na imensidão e na aridez do cimento armado, existem seres humanos cuja vida é impelida por uma revolta grandiosa e que tranquila e serenamente transformam essa revolta numa mudança silenciosa e subtil mas real e fundamental!

Nada mais há que valha a pena a não ser essa força vital que tão intrinsecamente sentimos e que suavemente nos impele a transcender a sociedade comezinha e leviana em que vivemos! Assim é como deveríamos avançar: sem rumo definido, totalmente despojados mas imbuídos de uma consciência abrangente e infinda!

É, portanto, nesse espírito de total liberdade e isenção que o CIK Maia vem propor a todos os seus estimados intervenientes, como um primeiro passo,

a efectivação de uma reunião com o intuito de nos conhecermos uns aos outros e de, como diz Krishnamurti, juntos, em relação uns com os outros, sondarmos, séria e intrepidamente, o oásis todavia inexplorado que reside dentro de cada um de nós.

Assim, são propostas três datas para a realização da reunião, para que cada um possa escolher a que mais lhe convenha. Efectuaremos depois a reunião na data que tiver maior número de participantes.

Caro participante, são portanto estas as datas: 14 de Março, 21 de Março e 28 de Março! Pretende-se que a reunião se inicie às 15 horas e que finde às 18. Por favor efectue a sua escolha e faça-nos saber, tão oportunamente quanto possível, qual é a data da sua preferência, ou por telefone – 964837408 – ou por e-mail – isacondel@netcabo.pt.

**Centro de Informação Krishnamurti
Maia**



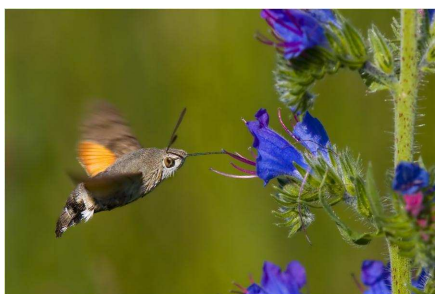
... juntos, em relação uns com os outros, sondarmos, séria e intrepidamente, o oásis todavia inexplorado que reside dentro de cada um de nós.

ESTAR CONSCIENTE

Interrogador: Gostaria de saber o que quer dizer com estar consciente porque disse muitas vezes que o seu ensinamento é na realidade acerca do estar consciente. Tentei compreender ouvindo as suas palestras e lendo os seus livros, mas não pareço ir muito longe. Sei que não é uma prática, e compreendo porque é que tão enfaticamente repudia qualquer tipo de prática, exercício, sistema, disciplina ou rotina. Vejo a importância disso, porque caso contrário o estar consciente torna-se mecânico, e no final a mente tornou-se embotada e estúpida. Gostaria, se me permite, de explorar consigo até ao fim esta questão do que significa estar consciente. O senhor parece dar a esta palavra um significado extra, mais profundo, e contudo parece-me que estamos conscientes do que acontece a toda a hora. Quando estou irado sei-o, quando estou triste sei-o e quando estou feliz sei-o.

Krishnamurti: Pergunto-me se realmente estamos conscientes da ira, da tristeza, da felicidade. Ou estamos conscientes destas coisas somente quando acabam? Vamos começar como se não soubéssemos absolutamente nada acerca disto e começássemos do princípio. Não façamos quaisquer afirmações, dogmáticas ou subtis, mas exploremos esta questão que, se realmente a investigássemos muito profundamente, revelaria um estado extraordinário com o qual a mente provavelmente nunca esteve em contacto, uma dimensão não tocada pela consciência superficial. Começemos do superficial e avancemos. Vemos com os nossos olhos, percebemos com os nossos sentidos as coisas à

nossa volta – a cor da flor, o colibri sob a flor, a luz deste sol californiano, os milhares de sons de diferentes

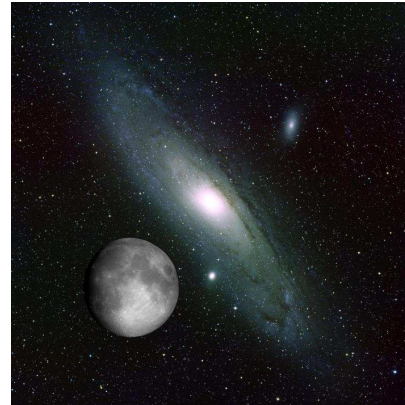


qualidades e sutilezas, a profundidade e a altitude, a sombra da árvore e a própria árvore. Do mesmo modo sentimos os nossos próprios corpos que são os instrumentos destes diferentes tipos de percepções superficiais, sensoriais. Se estas percepções permanecessem ao nível superficial não haveria de todo confusão. Aquela flor, aquele amor-perfeito, aquela rosa, estão ali, e isso é tudo. Não há preferência, não há comparação, não há o gostar ou o não gostar, somente a coisa perante nós sem qualquer envolvimento psicológico. Está clara toda esta percepção ou consciência superficial sensorial?

Ela pode ser expandida até às estrelas, até a profundidade dos mares, e até às derradeiras fronteiras da observação científica, usando todos os instrumentos da tecnologia moderna.

Interrogador: Sim, penso que compreendo isso.

Krishnamurti: Vê portanto que a rosa e todo o

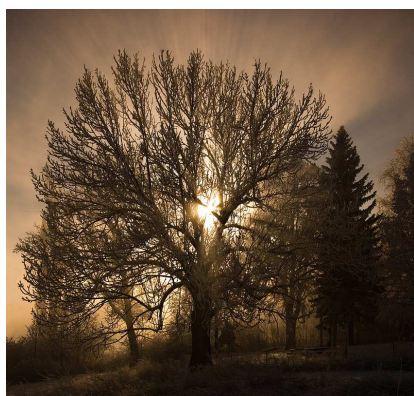


universo e as pessoas nele, a sua própria mulher se tiver uma, as estrelas, os mares, as montanhas, os micróbios, os átomos, os neutrões, esta sala, a porta, estão realmente

aí. Agora, o passo seguinte; o que você pensa acerca destas coisas, ou o que sente acerca delas, é a sua reacção a elas. E a isto chamamos pensamento ou emoção. Portanto a consciência superficial é um assunto muito simples: a porta está ali. Mas a descrição da porta não é a porta, e quando você se envolve emocionalmente na descrição não vê a porta. Esta descrição pode ser uma palavra ou um tratado científico ou uma forte reacção emocional; nenhuma destas coisas é a própria porta. É muito importante compreender isto desde o início. Se não o compreendermos ficaremos cada vez mais confusos. A descrição jamais é o descrito. Embora estejamos a descrever algo agora mesmo, e temos que o fazer, a coisa que estamos a descrever não é a nossa descrição dela, portanto lembre-se disto até ao fim da nossa conversa. Nunca confunda a palavra com a coisa que ela descreve. A palavra nunca é o real, e facilmente nos deixamos levar quando chegamos ao estágio seguinte da consciência em que a coisa se torna pessoal e ficamos emocionados com a palavra.

Há portanto a consciência superficial da árvore, do pássaro, da porta, e há a reacção a isso, que é pensamento, sentimento, emoção. Ora quando nos tornamos conscientes desta reacção, poderíamos chamar a isso uma segunda profundidade de consciência. Há a consciência da rosa, e a consciência da reacção à rosa. Muitas vezes não temos consciência desta reacção à rosa. Na realidade a consciência que vê a rosa e que vê a reacção é a mesma. É um movimento e é errado falar de consciência externa e interna. Quando há uma consciência visual da árvore sem qualquer

envolvimento psicológico não há nenhuma divisão na relação. Mas quando há uma reacção psicológica à árvore, a reacção é condicionada, é a reacção da memória passada, das experiências passadas, e a reacção é uma divisão na relação. Esta reacção é o nascimento daquilo a que chamaremos o “eu” na relação e o “não-eu”. É assim que você se coloca em relação ao mundo. É assim que você cria o indivíduo e a comunidade. O mundo é visto, não como é, mas nas suas várias relações com o “eu” da memória. Esta divisão é a vida e o florescimento de tudo aquilo a que chamamos o nosso ser psicológico, e deste surge toda a contradição e divisão. Tem a certeza que percebe isto? Quando há a consciência da árvore não há avaliação. Mas quando há uma reacção à árvore, quando a árvore é julgada com o



gostar e o não gostar, então ocorre nesta consciência uma divisão em o “eu” e o “não-eu”, o “eu” que é diferente da coisa observada. Este “eu” é a reacção, na relação, da memó-

ria passada, das experiências passadas. Ora, pode existir uma consciência, uma observação da árvore, sem qualquer julgamento, e pode existir uma observação da resposta, das reacções, sem qualquer julgamento? Desta maneira erradicamos o princípio da divisão, o princípio do “eu” e do “não-eu”, tanto ao olhar para a árvore como ao olhar para nós próprios.

Interrogador: Estou a tentar compreendê-lo. Vejamos se entendi bem. Há uma consciência da árvore, isso eu compreendo. Há uma reacção psicológica à árvore, isso também compreendo. A resposta psicológica é composta por memórias passadas e experiências passadas, é gosto e aversão, é a divisão em a árvore e o “eu”. Sim, penso que compreendo tudo isso.

Krishnamurti: Isto está claro como a própria árvore, ou é simplesmente a clareza da descrição? Lembre-se, tal como já dissemos, o descrito não é a descrição. O que é que tem, a coisa ou a sua descrição?

Interrogador: Penso que é a coisa.

Krishnamurti: Por conseguinte não existe nenhum “eu” que seja a descrição no ver deste facto. Ou existe o “eu” ou o ver, não podem existir ambos. O

“eu” é não-ver. O “eu” não consegue ver, não consegue estar consciente.

Interrogador: Posso parar por aqui? Penso que compreendi, mas tenho que deixar que faça sentido. Posso vir outra vez amanhã?

Interrogador: Penso que realmente compreendi, não-verbalmente, o que disse ontem. Há a consciência da árvore, há a reacção condicionada à árvore. E esta reacção condicionada é conflito, é a acção da memória e das experiências passada, é gosto e aversão, é preconceito. Também compreendo que esta reacção de preconceito é o nascimento daquilo a que chamamos o “eu” ou o censor. Vejo claramente que o “eu” existe em todas as relações. Agora, existe um “eu” fora das relações?

Krishnamurti: Vimos como as nossas reacções estão fortemente condicionadas. Quando pergunta se há um “eu” fora da relação, isso torna-se uma pergunta especulativa enquanto não houver uma libertação destas respostas condicionadas. Vê isso? Portanto a nossa primeira pergunta não é se há um “eu” ou não fora das respostas condicionadas, mas antes, consegue a mente, na qual estão incluídos todos os nossos sentimentos, ficar livre deste condicionamento, que é o passado? O passado é o “eu”. Não existe nenhum “eu” no presente. Enquanto a mente estiver a funcionar no passado o “eu” existe, e a mente é o passado, a mente é o “eu”.

Não pode dizer que há a mente e há o passado, quer seja o passado de há alguns dias atrás ou de há dez mil anos atrás. Portanto estamos a perguntar: a mente consegue libertar-se do ontem? Ora há diversas coisas implícitas, não há? Em primeiro lugar há uma consciência superficial. Depois há a consciência da resposta condicionada. Depois há a percepção de que a mente é o passado, de que a mente é esta resposta condicionada. Depois há a questão de se esta mente consegue libertar-se do passado. E tudo isto é uma acção unitária de consciência porque nisto não há conclusões. Quando dizemos que a mente é o passado, esta compreensão não é uma conclusão verbal mas uma percepção real do facto. Os franceses têm uma palavra para semelhante percepção de um facto, chamam-lhe “constatation”. Quando perguntamos se a mente pode ficar livre do passado, esta pergunta está a ser feita pelo censor, pelo “eu”, que é esse mesmo passado?

Interrogador: Pode a mente ficar livre do passado?

Krishnamurti: Quem faz essa pergunta? É a entidade que é o resultado de muitos conflitos, memórias e

experiências – é ela que pergunta – ou esta pergunta surge por si mesma, da percepção do facto? Se é o observador que está a colocar a questão, então ele está a tentar fugir do facto de si próprio, porque ele diz “vivi tanto tempo em sofrimento, em dificuldade, em dor, que gostaria de transcender esta luta constante”. Se ele faz a pergunta a partir desse motivo a sua resposta será o refugiar-se nalgum escape. Ou viramos as costas ao facto ou enfrentamo-lo. E a palavra e o símbolo são um virar-lhe as costas. De facto, só o fazer esta pergunta é já um acto de fuga, não é verdade? Se o é, é ruído. Se não houver observador, então há silêncio, uma completa rejeição de todo o passado.

Interrogador: Aqui fico perdido. Como posso apagar o passado em alguns segundos?

Krishnamurti: Tenhamos em mente que estamos a discutir o estar consciente. Estamos a falar juntos desta questão do estar consciente.

Há a árvore, e a reacção condicionada à árvore, que é o “eu” na relação, o “eu” que é o próprio centro do conflito. Agora, é este “eu” que está a fazer a pergunta? – este “eu” que, tal como dissemos, é a própria estrutura do passado? Se a pergunta não for feita a partir da estrutura do passado, se a pergunta não for feita pelo “eu”, então não existe nenhuma estrutura do passado. Quando a estrutura faz a pergunta ela está a funcionar em relação ao facto de si própria, tem medo de si própria e age para fugir de si própria. Quando esta estrutura não faz a pergunta, não está a agir em relação a si própria. Para recapitular: há a árvore, há a palavra, a reacção à árvore, que é o censor, ou o “eu”, que vem do passado; e depois há a pergunta: consigo fugir de toda esta agitação e agonia? Se o “eu” estiver a fazer esta pergunta, está a perpetuar-se a si mesmo.

Agora, estando consciente disso, ele não faz a pergunta! Estando consciente e vendo todas as implicações disso, a pergunta não pode ser feita. Ele não faz de todo a pergunta porque vê a armadilha. Agora, vê que toda esta consciência é superficial? É a mesma que a consciência que vê a árvore.

Interrogador: Existe algum outro tipo de consciência? Existe alguma outra dimensão para a consciência?

Krishnamurti: Mais uma vez sejamos cautelosos, que fique muito claro que não estamos a fazer esta pergunta por nenhum motivo. Se existir um motivo estamos de volta à armadilha da resposta condicionada. Quando o observador está totalmente silencioso, não tornado silencioso, há certamente uma qualidade de consciência diferente a nascer.

Interrogador: Que acção poderia haver em quaisquer circunstâncias sem o observador – que pergunta ou que acção?

Krishnamurti: Mais uma vez, está a fazer esta pergunta deste lado do rio, ou da outra margem? Se está na outra margem, não fará esta pergunta; se está naquela margem, a sua acção será a partir



daquela margem. Portanto há uma consciência desta margem, com toda a sua estrutura, a sua natureza e todas as suas armadilhas, e tentar fugir da armadilha é cair noutra armadilha. E que total monotonia há em tudo isso! O estar consciente mostrou-nos a natureza da armadilha, e por conseguinte há a rejeição de todas as armadilhas; portanto a mente está agora vazia. Está vazia do “eu” e da armadilha. Esta mente tem uma qualidade diferente, uma dimensão diferente de consciência. Esta consciência não tem consciência de que está consciente.

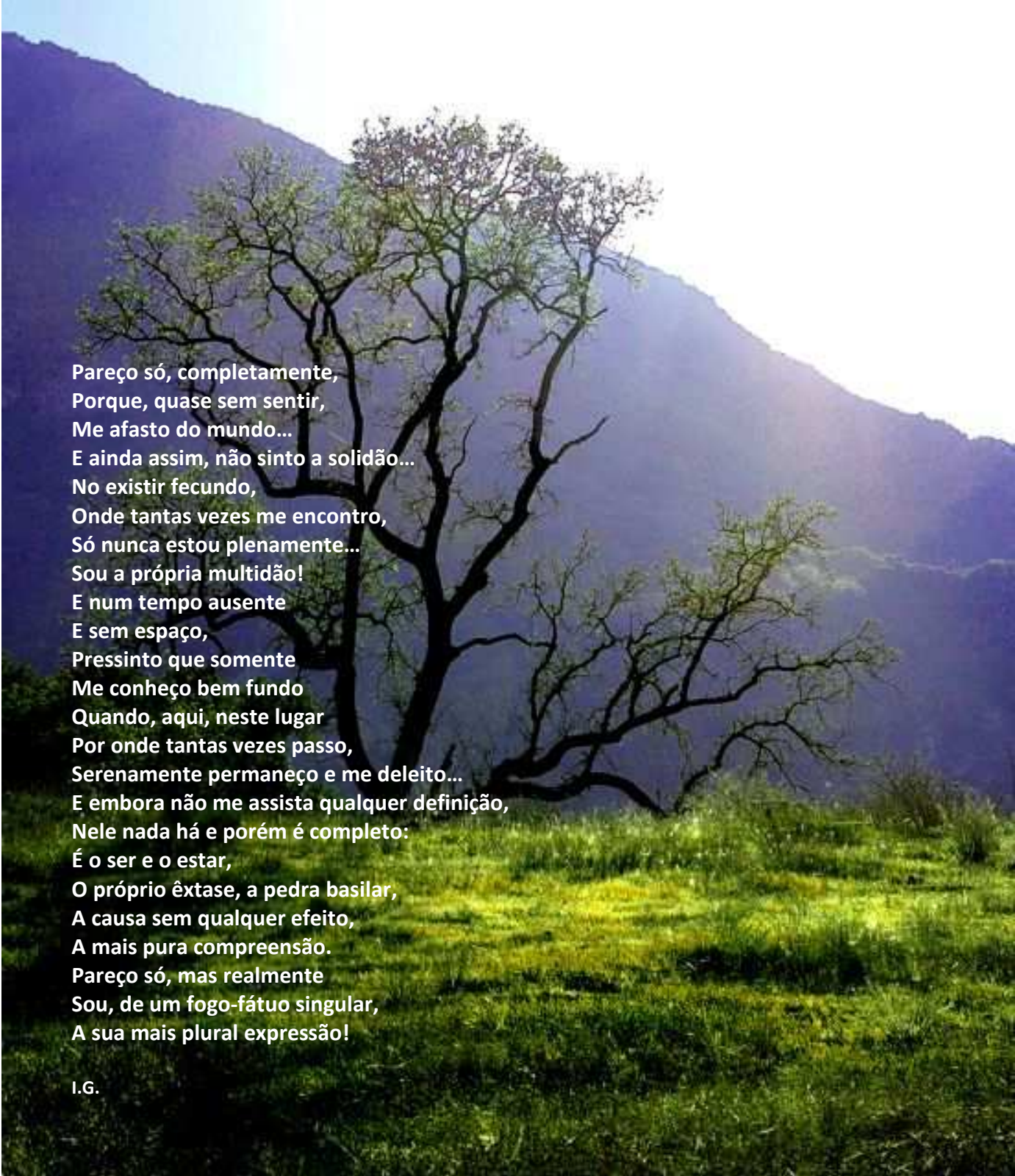
Interrogador: Meu deus, isto é demasiado difícil, Está a dizer coisas que parecem verdadeiras, que soam como verdadeiras, mas eu ainda não estou aí. Pode colocar as coisas de uma maneira diferente? Pode fazer-me sair da minha armadilha?

Krishnamurti: Ninguém pode fazê-lo sair da sua armadilha – nenhum guru, nenhuma droga, nenhum mantra, ninguém, incluindo eu – ninguém, especialmente eu. Tudo o que tem a fazer é estar consciente do princípio ao fim, não ficar desatento a meio. Esta nova qualidade de consciência é a atenção, e nesta atenção não existe nenhuma fronteira criada pelo “eu”. Esta atenção é a mais elevada forma de virtude. Por conseguinte é amor. É inteligência suprema, e não pode haver atenção se você não for sensível à estrutura e à natureza destas armadilhas artificiais.

J. Krishnamurti

in **A Urgência da Mudança**

(Título original: The Urgency of Change
Traduzido por Isabel Gonçalves)



Pareço só, completamente,
Porque, quase sem sentir,
Me afasto do mundo...
E ainda assim, não sinto a solidão...
No existir fecundo,
Onde tantas vezes me encontro,
Só nunca estou plenamente...
Sou a própria multidão!
E num tempo ausente
E sem espaço,
Pressinto que somente
Me conheço bem fundo
Quando, aqui, neste lugar
Por onde tantas vezes passo,
Serenamente permaneço e me deleito...
E embora não me assista qualquer definição,
Nele nada há e porém é completo:
É o ser e o estar,
O próprio êxtase, a pedra basilar,
A causa sem qualquer efeito,
A mais pura compreensão.
Pareço só, mas realmente
Sou, de um fogo-fátuo singular,
A sua mais plural expressão!

I.G.

Centro de Informação KRISHNAMURTI

Maia

Rua dos Altos, 40 – 2º - H. 16
4470-235 Maia

Telem.: 964837408
E-mail: isacondel@netcabo.pt